



## **Trabalhos Científicos**

**Título:** Óbitos Neonatais Por Pneumonias No Brasil Entre 2010 E 2019: Perfil Epidemiológico

**Autores:** Júlia de Souza Brechane / Universidade Luterana do Brasil; Isabella Beatriz Tonatto Pinto / Universidade Luterana do Brasil; Laura Fogaça Pasa / Universidade Luterana do Brasil; Laura Toffoli / Universidade Luterana do Brasil; Mariana Dall Agnol Deconto / Universidade Luterana do Brasil; Natali Rocha Bernich / Universidade Luterana do Brasil; Milton Stein Brechane / Universidade Federal de Pelotas;

**Resumo:** Introdução: A pneumonia neonatal (PN) é um dos primeiros sinais de infecção sistêmica nos recém-nascidos (RN) e, quando adquirida na vida intrauterina, está associada a trabalho de parto prematuro, natimortalidade ou asfixia e insuficiência respiratória grave ao nascimento. Entre as causas de pneumonia congênita estão o Herpes simplex, Citomegalovírus, Treponema pallidum e Toxoplasma gondii. A pneumonia de início precoce resulta da exposição perinatal a patógenos, seja intrauterino ou durante a passagem pelo canal de parto. Já a pneumonia de início tardio desenvolve-se pela exposição ambiental, geralmente nosocomial, a patógenos. A intervenção precoce é crucial para prevenir infecção sistêmica e complicações da pneumonia. Nesse sentido, reconhecer o perfil epidemiológico relacionado aos óbitos por PN pode ser útil para planejar ações de prevenção e de tratamento e, assim, diminuir as taxas de mortalidade por tais causas. Objetivo: Analisar os óbitos por PN no Brasil entre 2010 e 2019. Material e Método: Estudo epidemiológico sobre pneumonias congênitas e pneumonias adquiridas no período neonatal (até 27 dias completos de vida), entre os anos de 2010 e 2019, com coleta de dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), disponibilizados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Resultados: Os 4.028 óbitos por PN representam 1,53% dos óbitos neonatais (n=262.692) e 1,07% (n=377.338) dos óbitos infantis no período. Em relação às regiões do Brasil, o sudeste obteve as maiores taxas com 33,36% (n=1.344) e o sul as menores com 7,77% (n=313). O ano de 2011 apresentou as maiores taxas (13,1%, n=529) e 2019 as menores (6,5%, n=263). Houve predominância do sexo masculino (58,93%, n=2.374) sobre o feminino (40,8%, n=1.642). Em relação ao momento da infecção, a maioria dos óbitos ocorreu em crianças com infecção intrauterina (80,9%, n=3.260) e a minoria com infecção adquirida após o nascimento (19%, n=768). Em relação à cor, crianças pardas foram as mais acometidas (45,2%, n=1.821), e crianças amarelas as menos (0,1%, n=5). Conclusão: O presente estudo tem grande relevância, tendo em vista a necessidade de atualização periódica dos dados sobre causas de óbito neonatal no Brasil, como PN, para o direcionamento dos recursos, visando ações de prevenção e melhoria na qualidade do atendimento prestado ao RN em locais de maior incidência de óbitos. O fato de pneumonias no período neonatal estarem frequentemente associadas a outros processos infecciosos, como septicemia, pode mascarar as verdadeiras taxas notificadas de óbito por PN. O grande número de óbitos por PN congênitas aponta para a necessidade de intervenções que possibilitem o acesso das gestantes a um pré-natal de qualidade. Práticas adotadas por hospitais, como higiene meticulosa de mãos antes e depois do contato com o paciente e manuseio de equipamento respiratório, são práticas baseadas em evidência e que podem minimizar o risco de pneumonia de início tardio.